

# O misticismo panteísta do espanhol Ibn Al-Arabi

**O amor por uma bela jovem persa levou o filósofo islâmico a alcançar Deus. Ele se destacou entre os pensadores que procuraram dar bases filosóficas ao misticismo esotérico**

□ Por Renato Pompeu

Se a Espanha cristã apenas no século 20 d.C. produziu um filósofo de renome um pouco maior, como Ortega y Gasset, a Espanha islâmica, nos poucos séculos que durou, produziu dois grandes pensadores: além de Averróis, já discutido na série, também Ibn Al-Arabi, nascido em Múrcia, no então Emirado de Valência (1165 d.C.-1240 d.C.). Mas, ao contrário de Averróis, que foi eminentemente racionalista, Ibn Al-Arabi foi eminentemente místico e se destacou entre os pensadores que procuraram dar bases filosóficas ao misticismo esotérico.

A partir da adolescência, Ibn Al-Arabi, descendente de uma das tribos árabes mais tradicionais, passou 30 anos estudando as ciências islâmicas, principalmente em Sevilha, mas visitou também outras cidades da Espanha e do Norte da África. Teve um célebre encontro, ainda jovem, em Córdoba, com o já velho Averróis, amigo de seu pai. Segundo conta a tradição, o fervor místico de Ibn Al-Arabi de tal modo impressionou Averróis que este terminou a entrevista estupefato, pálido e trêmulo. Para a tradição da filosofia mística islâmica, esse encontro marca o ponto em que o pensamento islâmico abandonou o racionalismo para mergulhar nas tradições esotéricas.

Ainda mais, quando Averróis morreu, em 1198 – Ibn Al-Arabi tinha 33 anos – seus restos foram trazidos a Córdoba por um burro de carga, no saco de um lado, enquanto no saco de outro lado vinha um exemplar de cada uma de suas obras. O estranho é que as cargas se contrabalancaram, dando equilíbrio ao burro. Ibn Al-Arabi comentou: "De um lado o mestre, de outro seus livros. Oxalá eu soubesse se os seus desejos foram cumpridos!" Nesse mesmo ano, Ibn Al-Arabi teve uma visão que o mandou viajar rumo ao Oriente. Para lá ele partiu, para nunca mais voltar a sua terra natal, passou por Meca e acabou morrendo em Damasco.

Em Meca ele conheceu uma jovem iraniana de grande beleza, a qual lhe inspirou o livro *O Intérprete dos Desejos*, uma série de poemas de amor místico que, se lhe valerem a fama de profeta e de santo em muitos meios, também lhe valerem uma condenação por parte dos islamitas ortodoxos. Mais exatamente, ele foi acusado de "assimilação", ou seja, do antropomorfismo que consiste em comparar Deus com suas criações; em outras palavras, ele estaria comparando a beleza da moça às grandezas da Divindade. Como reação a isso, nas edições posteriores, Ibn Al-Arabi acrescentou um prefácio segundo o qual ele estava louvando somente a Deus.

Ainda em Meca, ele escreveu uma imensa enciclopédia do esoterismo islâmico, em 560 capítulos. Depois, visitou a Anatólia e o Iraque, até se estabelecer em Damasco. Ali, já consagrado e reverenciado como um grande mestre espiritual, ele resumiu sua enorme obra anterior num pequeno tratado de apenas 27 capítulos, talvez o mais denso livro místico de todos os tempos. Ele acabaria, nos séculos seguintes, se tornando uma das maiores influências entre os escritores islâmicos, não só entre os filósofos, mas também entre os poetas. Sua grande contribuição é o que se cha-

## O fervor místico de Ibn Al-Arabi de tal modo impressionou Averróis que este terminou a entrevista estupefato, pálido e trêmulo

mos "a unidade do Ser", ou seja, a idéia de que tudo o que é existente é uma manifestação da divina realidade última. Deus e a Criação, na sua visão, seriam dois aspectos da mesma realidade.

Nos seus próprios termos, Ibn Al-Arabi afirma que o Absoluto, ou seja Deus, vivia inquieto em sua solidão e ansiava por companhia, a qual encontrou ao criar o mundo, por meio do que seria uma "infusão de ser" aos arquétipos que viviam no Céu, ou seja, as coisas humanas gozavam de uma "teofania por meio do poder imaginativo de Deus", entendendo-se "teofania" como uma manifestação física da divindade. O mundo está sendo criado, destruído e recriado a cada momento; Deus e sua criação são como dois espelhos um olhando para o outro.

Não é difícil assim compreender como a primeira teosofia de Ibn Al-Arabi foi uma teosofia amorosa, baseada no seu amor por uma jovem iraniana, ele, a partir de sua solidão anterior, a encarando como a concretização de seus sonhos mais íntimos; o casal formando como um par de espelhos que, olhando-se

sempre um a outro, se refletiam um no outro. Mas, diante da acusação de heterodoxia de que foi alvo, Ibn Al-Arabi passou a desenvolver seu pensamento em termos mais ortodoxos: cada nome divino se reflete em algo que tem nome (ou seja, cada arquétipo divino se manifesta em coisas terrenas), sendo o profeta Maomé a teofania perfeita, seu nome sendo o reflexo de todos os nomes divinos.

Isso não deixa de ter o seu lado mais panteísta do que monoteísta, a tal ponto que a frase mais conhecida e mais citada de Ibn Al-Arabi é: "Sigo a religião do amor aonde quer que o seu camelo conduza." Ou seja, deve-se amar tudo que seja passível de ser amado, ou seja, toda a Criação. Aqui compreendemos por que Ibn Al-Arabi é apreciado em particular pelos islamitas que defendem a tolerância em relação

## Em Meca o filósofo conheceu uma jovem iraniana de grande beleza, a qual lhe inspirou o livro *O Intérprete dos Desejos*

a outras religiões e a outras visões do mundo. Suas obras alcançaram uma difusão geográfica inédita para qualquer autor até então, sendo ele lido ainda em vida desde a Península Ibérica até a Indonésia; desde o centro-sul da África até o rio Volga, na Rússia.

Vamos conhecer trechos da obra de Ibn Al-Arabi, mais exatamente de sua grande enciclopédia esotérica, a partir da edição especial para o Ocidente feita no século 17 d.C., pelo erudito Ismail Hakki Bursavi:

*Se um gnóstico (ou seja, um conhecedor de Deus) o é realmente, não pode permanecer preso a nenhuma forma de crença.*

*Isso quer dizer que, se alguém que adquiriu conhecimento chega a conhecer o Ser que existe em sua própria pessoa com todos os seus significados, não ficará preso numa crença. Não reduzirá seu círculo de conhecimento. É como uma matéria-prima e aceitará qualquer forma que se dê a ele. Sendo externas estas formas, não se produz nenhuma mudança no núcleo de seu universo interior.*

*Aquele que conhece Deus se mantém em sua origem, qualquer que seja esta origem. Aceita todo tipo de crenças, mas não se apega a nenhum credo figurativo. Seja qual seja seu lugar no Conhecimento Divino, que é o conhecimento essencial, permanecerá em seu lugar. Conhecendo o núcleo de toda crença, vê no interior e não no exterior. Reconhecerá, de baixo de qualquer aparência, tudo aquilo cujo núcleo conhece e neste tema seu círculo será amplo. Chegará à origem dessas crenças e dará testemunho a respeito delas a partir de qualquer lugar possível, sem nunca levar a conta a aparência com que se manifestam no exterior.*

*Os dois mundos existem graças à revelação de Deus.*

*Contemple a beleza da Verdade a partir do lugar que você preferir.*

Em todo esse trecho, fica bastante claro por que tantos islâmicos tolerantes em relação a outras crenças apreciam de modo particular as teses de Ibn Al-Arabi. Ele pode ser visto, até mesmo, como um dos precursores da tese ecumênica segundo a qual todas as crenças são válidas, não importa o nome que se dê a Deus, mas desde que se leve em conta que, para ele, a crença em si, tal como se manifesta externamente por meio do ritual, não tem maior importância; se todas as crenças são iguais, todas são igualmente desimportantes – o que importa é a crença íntima de cada "conhecedor de Deus".

Prossegue a edição de Bursavi:

*Há um dito da Tradição que diz o seguinte: "Quando a gente destinada ao Paraíso chega a uma determinada etapa, o Senhor lhes mostra um clarão, descerrando um pouco a cortina que esconde Sua Grandeza e Seu Poder e diz: 'Sou vosso Senhor, o maior.' Quer dizer, sou esse grande Deus pelo vós tendes ansiado e querido ver. Esta revelação de Deus os assombra e a negam dizendo: 'Nunca pudeste ser nosso Senhor.' E, dito isso, deliram e se enfurecem. Nesse momento, a revelação muda três vezes e por três vezes voltam a negá-la. Então Deus pergunta a eles: 'Há algum indício do vosso Senhor entre vós?', e eles respondem: 'Sim, há.' Então, Ele aparece a cada um, segundo a medida e a capacidade de entendimento daquilo que cada um supõe e crê. A partir dessa revelação o aceitam e dizem: 'Tu és nosso Senhor, o maior dos maiores.'" Segundo o dito da tradição: "Estarás buscando teu Se-*

*nhor como se fosse a Lua cheia e te perderás no êxtase." Apesar de que seja assim, os gnósticos afirmam plenamente a Deus na primeira revelação, porque fizeram suas todas as crenças e ganharam a aptidão para todas as revelações.*

*Os que vêem hoje seu amado São os que o verão amanhã. Que saberão do amado lá Os que estão cegos aqui?*

Nesse trecho que acabamos de ver, o que há de notável é que, para Ibn Al-Arabi, o cren-te comum, tal como São Pedro negou a Cristo três vezes, nega por três vezes a revelação de Deus, apesar de ter tido acesso a essa revelação. Só depois é que o cren-te comum se dispõe a aceitar Deus como o poder supremo, como a força superior. Entretanto, ainda para Ibn Al-Arabi, o gnóstico, o conhecedor de Deus – ou seja, o místico – aceita a Divindade já na primeira vez em que esta se revela. No entanto, isso acontece porque os gnósticos "fizeram suas todas as crenças", isto é, ao mesmo tempo que aceitaram todos os modos de crer em Deus, também não consideraram que nenhum desses modos de crer era superior aos outros.

Mas continuemos com os trechos de Ibn Al-Arabi tal como foram editados por Bursavi:

*Obviamente, o Sagrado Alcorão diz assim: "A pessoa que está cega neste mundo está cega também no outro", o que significa que aquele que não tiver aberto seu olho da mente aqui neste mundo continuará sendo cego quando tenha de ir ao outro mundo e, em consequência disso, não será capaz de ver a Revelação Divina (quando lhe for apresentada pela primeira vez). Aquilo que rogamos a Deus é que livre todos os Seus servos de ter uma fé que não vá além da imitação e da ficção.*

*Aqui surge para nós uma pergunta: Como a pessoa que tem aptidões para o estado de gnose entende a sua própria realidade? Pode-se responder assim: Precisa encontrar um gnóstico que conheça a si mesmo e, quando o encontrar, precisa fazer que, desde o fundo do coração e com todo o seu espírito, o seu caráter seja o caráter do gnóstico. Para que uma pessoa gnóstica encontre sua própria origem, tem de agir dessa maneira, levando em conta que o versículo corânico que se segue àquele diz assim: "Busca os meios que te levarão a Ele." Isso pode ser explicado da seguinte forma: Entre os Meus servos estão os que Me encontraram. Se me quiseres encontrar, segue o caminho deles. São para ti um meio que conduz a Mim. Servindo a eles assim, uma pessoa pode chegar a conhecer-se a si mesma. Entenderá de onde vem e para onde vai e captará detalhes da etapa do estado presente.*

*Um dito da Tradição explica a razão e nos sa vinda a este mundo do seguinte modo: "Eu era um tesouro escondido e queria que me descobrissem e, para que me descobrissem, fiz a criação." Isso é certo; mas conhecer a Deus não é uma coisa fácil se antes a pessoa não se conhece a si mesma.*

*O dito seguinte da Tradição diz que: "Aquele que se conhece a si mesmo, conhece a seu Senhor." O contrário também é certo, e assim o entendem os que estão nesse estado. As pes-*

## Sua grande contribuição é "a unidade do Ser", a idéia de tudo que é existente é uma manifestação da divina realidade última

*soas, sejam da elite ou plebéias, dão diferentes significados a esse dito da Tradição, segundo lhes permite a sua inteligência.*

Aqui vemos repetido o que foi dito acima: Deus se revela a todos, mas a cada um segundo sua capacidade de perceber a presença divina. Para estar em melhores condições de perceber essa presença divina, é preciso no entanto aperfeiçoar-se sob a orientação de alguém que chegou mais longe. Com isso, ao mesmo tempo que postula um misticismo ao alcance de todos, Ibn Al-Arabi também cria uma hierarquia entre os místicos e entre os crentes em geral. (No sábado que vem, observações a respeito da epopéia *O Cavaleiro da Pele de Tigre*, do poeta georgiano Chota Rustaveli.)

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com>) e, entre outros, dos livros impressos *Globalização e Justiça Social, ensaio econômico*; 2084 – *O Admirável Mundo Neoliberal das Mulheres, ficção erótica*, e *Um Dia no Mundo, romance "globalizado" que se passa em todos os países do mundo. Pode ser localizado no endereço eletrônico [rpompeu@pompeu.com](mailto:rpompeu@pompeu.com) ou pelo telefone 011-814.8653*

